

Democracia radical

Há um fundo messiânico na extensa entrevista que o presidente Fernando Henrique Cardoso concedeu à revista *Veja*. Não se trata de suas sólidas convicções sobre a reacomodação da vida em outras e mais elevadas bases de bem-estar em razão das ruidosas e velocíssimas transformações em curso no mundo. Mas da visão que tem do movimento transformador como algo tão cultural, política e socialmente demolidor de estruturas quanto o Renascimento.

Nas declarações do presidente ressurge o sociólogo com a mente ligada nos processos em evolução para descobrir os rumos da História. Sua obstinação é situar o Brasil no contexto da mudança irresistível para fazê-lo partícipe da engrenagem e, assim, não ser destruído à força do imobilismo. Antes, levá-lo ao cenário crítico do novo milênio como nação que se mostrou capaz de entender a marcha avassaladora dos acontecimentos.

Ao presidente não interessa rastrear o chão profundo dos fatos para descobrir as raízes da globalização. É possível até que não se chegue jamais a interpretações pacíficas sobre o fenômeno. Fundamental é perceber os seus efeitos, na demolição dos valores políticos tradicionais, na derrocada de sentimentos nacionalistas rançosos, no rompimento dos sistemas econômicos insulares e na reconceituação do pacto para a convivência mundial.

Para Fernando Henrique, vale dar consequências internas à trepidante situação mundial. Desde logo proclama o declínio do *welfare state* (estado do bem-estar social) como instrumento para a eliminação das desi-

gualdades entre pessoas e regiões. Também na esteira da globalização enxerga o governo e o Estado como agentes de segunda classe na formulação de políticas públicas e na avaliação dos problemas do país.

A semelhante hierarquia de valores políticos opõe a primazia da sociedade na construção e condução do poder. E batizou o fenômeno da transmutação, que deseja empurrar adiante pela convergência do estímulo, de "radicalização democrática". É um processo de democratização que salta por cima das simples conceituações doutrinárias para viver, de forma ativa e concreta, no funcionamento dos poderes do Estado e no perfil das instituições.

Por entender o mundo na projeção de um bólido rumo ao futuro e, em razão disso, atuar para não condenar o Brasil ao atraso, é que Fernando Henrique se mostra perplexo com a atuação crítica das esquerdas. "É patético, é um paradoxo. A esquerda sou eu; eles são neoliberais." A inversão ideológica proposta pelo presidente se ajusta com perfeição à realidade. Aliás, é por causa do paradoxo que, para governar, o Executivo cede o passo a uma aliança com os segmentos fisiológicos do Congresso.

As declarações à revista *Veja* situam o presidente como alguém que não enxerga apenas a árvore, mas, acima de tudo, a floresta. Quer dizer, o Brasil deve ser visto como uma porção importante de um mundo em turbulento processo de integração. Não como uma ilha de algum arquipélago remoto, condenado a perecer por imobilismo e repulsa à História.